

Resumo

“Entre lá e cá” é uma brincadeira. Não passa de uma brincadeira. E eu levo brincadeiras muito a sério. O responsável pelo impulso de tal jogo foi Bergson, que está presente comigo. Brinco, com ele, de misturar tempos. Carrego tudo e nada em mim, e transito por tempos meus, de outros ‘alguéns’ e me monto no meio disso. Fragmentos diversos que se acumulam em mim acabam por cair entre lá e cá.

Percorro lugares que reconheço e outros desconhecidos junto de pessoas que nunca vi e, também, de familiares distantes. Do interior de Minas Gerais, na década de 60, acabo me transportando para uma Paris efervescente de 2015. Reconheço meus avós e passeio com eles pelas velhas ruelas da cidade que me acolheu e faz parte de mim. Benjamin acaba aceitando o convite para a brincadeira e se junta a mim e a Bergson, seguido de Kracauer. Acompanhada pelos três senhores, os diferentes níveis da tal brincadeira de misturar tempos me trazem imagens que me preenchem e, de certa maneira, me perseguem. Carregada de imagens e tempos, eu acabo por ficar entre lá e cá.

Gosto de pensar que brincadeiras não têm fim. Essa, como as outras, também não tem. Aqui, no papel, ela terá. Mas continua, e vai continuar comigo e em mim. Bergson impulsionou algo que faz, agora, parte do meu cotidiano. O tempo acumulado bate sempre a minha porta. E eu pretendo sempre atendê-lo. Entre lá e cá, a brincadeira vai continuar.

Entre lá e cá

Um ser humano que sonhasse sua existência em vez de vivê-la manteria certamente sob seu olhar, a todo momento, a multidão infinita dos detalhes de sua história passada.¹

O presente ensaio feito em primeira pessoa, por esta que vos escreve, pode, talvez, não possuir alguma utilidade para meios estritamente acadêmicos (aliás, o que seriam? estritamente dizendo?). Mas aprendi uma expressão francesa por aí que se mostra um tanto oportuna: *je m'en fiche*.

“A importância de sonhar”. Constantemente pensava nisso (seria isso?), mas nunca colocava muita credibilidade em sonhadores convictos e que misturam tempos e situações sem conseguirem se controlar (por que teriam que ter controle? e do quê?). Nunca fui uma sonhadora convicta e me frustrava. Sonhos controlados pela necessidade de viver com pés firmes (?) no chão deste mundo, onde é necessário produzir e ser útil, e cada minuto é contado e tem algum valor (Bergson, vou logo te visitar!). Até que, através de fotografias de família, aceitei minha inutilidade. Blaise, um alguém que, no decorrer desse ensaio, vocês conseguirão imaginar (ou não), foi um dos que deram um empurrão para que pensamentos e palavras sem utilidade aparente pudessem continuar e se libertar. Vovó e vovô são os grandes iniciadores de tudo isso. Vovô, antigo palhaço, e vovó, uma moça sonhadora do interior de Minas, partem em viagem com o antigo parque de diversões. A partir daí, comecei a brincar de misturar tempos. Percorri Minas de 1960; andei com Benjamin por uma Paris que conheci um pouco; visitei o interior de São Paulo com Blaise quando o parque estava em uma das cidadezinhas; deitei ao lado de Proust no Jardim de Luxembourg numa tarde fria de janeiro e corremos ao sentir os aromas da madeleine; corri com Marie et Louise atrás de Paul, que só escutava Agathe porque não conseguia ainda entender o sotaque brasileiro; brinquei de ser palhaça com vovô e Adèle; Cozarinsky quis que nos transportássemos para um Rio em pleno carnaval, porque estava cansado do inverno parisiense; tomei um café com Bergson, e ele me falava sobre a duração enquanto eu sonhava com as fotografias de família, e pedia desculpas em silêncio ao perceber que o traí quando espacializei o tempo.

¹ Bergson, Henri, *Matéria e Memória*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 181-2.

Percebi imagens e as selecionei. Acabei por me fazer sujeito (ou me assumir de alguma maneira?) através das palavras aqui escritas e de tais imagens que carrego e me constituem.

Perceber acaba não sendo mais do que uma ocasião de lembrar.²

Tive um sonho estranho essa noite. Acordei ouvindo o barulho do mar e com Benjamin ao meu lado segurando suas *Passagens* embaixo do braço. Encarou-me por algum momento. Depois, sem nada dizer, foi se afastando a passos lentos até desaparecer. Dei-me conta de que estava longe dos trópicos ao perceber as cores marcantes do outono. “Il ne va pas retourner”, alguém sem rosto me disse. “Mais on peut t’aider, si tu veux.”, outro alguém sem rosto completou. Fechei os olhos e tentei, por um momento, entender o que acontecia. Fracassei. Ao abrir os olhos estava de frente para o mar, sozinha. Nem todos os fantasmas possuem nomes ou rostos. Mas, mesmo assim, eles conseguem assombrar. Sentada numa praia vazia, vi que segurava uma fotografia, mas não conseguia compreendê-la. Nada, ultimamente, trazia compreensão do que quer que fosse. Encarei a fotografia por alguns minutos. Aos poucos, fui enxergando pedaços de lugares, pessoas e situações diferentes. A foto pesou. Era o retorno constante de ‘alguéns’ e de tempos que não procurava mais ou não conhecia, mas que estavam ali comigo e em mim. Mesmo após algumas tentativas, a imagem não podia ser rasgada. “Pourquoi tu fais ça?” Olhei pro lado e não vi ninguém. “Tu n’as pas encore compris que tout cela c’est toi? Il faut accepter pour continuer à rêver”. Fechei os olhos. O sentimento de medo eu conseguia compreender. “On est toujours avec toi, même si tu fermes les yeux.”. Qui êtes-vous? Era um sonho que parecia não acabar. Coloquei meus pés na rue Marie et Louise, no 10ème arrondissement, e de lá não conseguia tirá-los.

Marie et Louise saíram pra dançar e ainda não voltaram. Mas, antes de partirem, deixaram comigo imagens que carrego sempre. Seriam as minhas percepções do entorno?

² Idem, p. 69.

Na verdade, não há percepção que não esteja impregnada de lembranças. Aos dados imediatos e presentes de nossos sentidos misturamos milhares de detalhes de nossa experiência passada. Na maioria das vezes, estas lembranças deslocam nossas percepções reais, das quais não retemos então mais que algumas indicações, simples “signos” destinados a nos trazerem à memória antigas imagens.³



Imagens desconexas de um passado acumulado que bate sempre à minha porta. Marie sempre se perguntava por qual motivo imagens de pessoas desconhecidas (aquelas das caixas de biscoitos cheias de fotografias de vovó e vovô) se misturam a essas novas – de uma memória não vivida (“Je sais que c’est le même sang que tu as, c’est ta famille et tout, mais tu n’as pas connu ces gens. C’est bizarre.”). Louise sempre discordava da amiga que nunca largava (“Ces images font partie d’elle. Est-il nécessaire d’avoir une raison? On est bien quand il n’y a pas de sens.”).

J’étais presque chez moi. Soudain, je vois deux dames, une sérieuse et l’autre souriante. Je me demande toujours si c’était vous, Marie et Louise. Ces visages ont été

³ Idem, p. 30.

vraiment différents de tout ceux que j'avais imaginé. Mais je pense que à chaque fois ces visages changent en moi. Changez-vous souvent, Marie et Louise? J'ai parlé avec monsieur Bergson, et il m'a dit quelque chose qui m'a fait réfléchir un peu.

A mudança encontra-se por toda parte, mas em profundidade; nós a localizamos aqui e acolá, mas na superfície; e constituímos assim corpos ao mesmo tempo estáveis quanto a suas qualidades e móveis quanto a suas posições, uma simples mudança de lugar condensando nele, a nossos olhos, a transformação universal.⁴

Que pensez-vous sur ce sujet?

Fiquei intrigada com Henri e o convidei para um café. Durante a nossa conversa, percebi que vocês estão mais presentes em mim do que pensava. Seleciono vocês. Escolho, talvez? Às vezes é mais complicado. Tudo vem misturado, sobreposto. Até que tenho consciência do que me cerca e, também, em mim (?). Coloco-me diante de escolhas que me trazem memórias. Nada é permanente. Os tempos diferem e acabam acumulando.

Marie et Louise, às vezes sem vocês fica mais difícil. Lembrei das palavras ouvidas “On est toujours avec toi, même si tu fermes les yeux”, mais vous n'êtes pas, je crois. Vocês me deixaram imagens novas que se somaram às que eu já carregava. Mas essas novas imagens me atacam, elas se misturam de tal modo que se sobrepõem às outras, e me encontro numa confusão de não saber onde estou. Estaria misturada a elas? É uma montagem tão desconexa e maluca. Elas aceleram e desaceleram. Blaise está no parque em mil novecentos e alguma coisa. Adèle também está? Não sei, Claude e Claude foram embora mais cedo. Voltaram para Belle-Île. Blaise não era nascido nessa época, mas conheceu meus avós. Ele gostou do parque e quer sempre voltar. Meus avós me visitam em Paris nos meus 10m² e demoram para se acostumar com o banheiro turco. Na verdade, vovó demora mais. Vovô quase não liga.

Marie et Louise, eu não me vejo muito frequentemente nessas montagens. Elas vêm e vão, e eu só observo (?). Lembro da conversa com Henri, quando ele comentou que meu corpo é uma imagem que produz movimento.

Meu corpo é portanto, no conjunto do mundo material, uma imagem que atua como as outras imagens, recebendo e devolvendo movimento, com a

⁴ Idem, p. 246.

única diferença, talvez, de que meu corpo parece escolher, em uma certa medida, a maneira de devolver o que recebe.⁵

Veza ou outra, vejo essa imagem que é meu corpo. E manipulo a montagem algumas vezes (ou penso). O interior de Minas e São Paulo, às vezes, está em Paris, com vocês, Marie et Louise. Vocês se lembram de Minas? Vovó veio de lá. Bem diferente da cidade onde a gente se conheceu e pela qual me apaixonei.

Toda vez que entramos em alguma história, deixamos um vestígio.⁶ E vice-versa?



Sabe, Marie et Louise, quando vocês se foram e não voltaram, comecei a sair sozinha. Até a câmera me deixou na mão. Mas meu olhar não. Carrego imagens dessas saídas. Eu me lembro do canal de Saint-Martin, num belo dia de sol e com muitas pessoas em volta. Na verdade, o canal e as pessoas que o acercam estão aqui, na minha frente. Vocês almoçam? Acho que aproveitam a luz bonita do dia. Vejo Blaise, numa

⁵ Idem, p. 14.

⁶ Benjamin, Walter, *Passagens*. Tradução de Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. São Paulo: Editora UFMG, 2007, p. 557.

das praias mais bonitas a que já fui naquela ilha querida, sempre misturada nessas imagens. Há imagens que vêm e eu ainda não consigo falar delas, porque não fazem bem. Mas vou aprender a montá-las e também farão parte desses fragmentos. Na verdade, elas já fazem, mas insisto (ainda) em tentar escondê-las. Aos poucos elas virão, aos poucos vou ceder, como sempre.

Vi vovó lendo jornal ao atravessar uma das pontes de Paris. Chamei por seu nome. Ela me olhou e continuou a andar. Acho que não me reconheceu, acabava se perdendo na mistura de tempos.

Je ne suis pas arrivé chez moi. Je flanait.

A rua conduz o flâneur em direção a um tempo que desapareceu. Para ele, qualquer rua é íngreme. Ela vai descendo, quando não em direção às Mães, pelo menos rumo a um passado que pode ser tão mais enfeitiçante por não ser seu próprio passado, seu passado particular. Entretanto, este permanece sempre o tempo de uma infância. Mas por que o tempo de sua vida vivida?⁷

Acho que me conduzia por ruas perdidas em tempos desconhecidos. E nelas tentava me transportar. Passos à toa pela cidade fria que me levavam até uma cidade morna e alegre. Se eu seguir pelas margens do Sena chego no Pinheiros ou no Tietê?

Uma coisa não entendo, Marie et Louise. Eu fico entediada muito facilmente. Começo a pensar se teria alguma relação com essas montagens que sempre estão presentes em mim. Não sei mais o que faria sentido. Mas também não quero saber. Não quero o sentido de nada. E essas imagens são muito bem vindas. A relação com o tédio seria pelo fato de que talvez eu sempre esteja procurando novas imagens para acumular mais fragmentos (mas todo esse tempo já não está acumulado em mim?). Para assim as montagens continuarem cada vez mais diversas e frenéticas.

Essa tristeza eloquente e sem vida que se chama tédio.⁸

E essa tristeza teima em visitar várias vezes. Às vezes, as fotografias, os fragmentos e os sonhos salvam.

⁷ Idem, p. 461-2.

⁸ Veuillot Louis, *Les Odeurs de Paris* (Paris, 1914, p. 177), apud Benjamin, Walter. *Passagens*. Tradução de Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. São Paulo: Editora UFMG, 2007, p. 145.

Queria ter ido dançar com vocês, Marie et Louise. E assim tentar me ver livre. Livre do quê? Livre de todas essas imagens? Só que elas fazem parte de mim. Não consigo. As flores de novembro na rua do Bichat, a imprensa internacional, a parte continental da Europa mais perto da América, o músico grego em frente à Acrópole, a Acrópole que brilha à noite, a Bleu Mosque onde queria fazer morada, as ruas estreitas e silenciosas à noite, o húngaro incompreensível, a partida de ping-pong numa ilha tão distante desta ilha de onde escrevo, a polícia holandesa, o banheiro turco, o barco dançante pelos canais de Paris, Montmartre que chama constantemente e a gente nega. Paris norte, Paris norte, Paris norte. O norte chama. No norte estão os queridos. Minas no norte de Paris. São Paulo seria em Stalingrad? Vovô, você pegou o trem na Gare du Nord? Mas e o parque? Nas fotografias eu não vejo você na gare. Vovó ficou em Belle-Île? Mas o Blaise quis ir com o senhor dessa vez. Com quem ela ficou? Como vocês conversam? Você e Blaise, vovô? Ah, no guarani? Não brinca comigo. Ou brinca sim, eu gosto.



Marie et Louise, ficamos sem banheiro três dias. A gente não dormiu aqui. A gente tava em Minas. Foi depois dos tiros. A rua tava pesada, pesada. Cheinha das flores. A gente decidiu caminhar até a Gare du Nord e pegar o trem pra Minas. Vovó falou que o parque estava por lá. Vocês ficaram, e o vizinho falou que trancou o

banheiro porque os terroristas poderiam colocar uma bomba no banheiro turco. O que vocês fizeram? Esqueci de dizer que a chave estava aí o tempo todo.

Mamãe, por que te vestiste de noiva para andar por Paris? Proust me falou que te viu, ontem, na ponte do canal, hesitando sobre atravessá-la. Disse que carrega essa imagem antes de dormir para tentar ter uma memória da mãe de noiva. Mas acaba por misturar tempos e acorda em Combray, observando a avó.

Acumulada pelo tempo (tempos?). Montada e desmontada toda hora, todo minuto. Lembrei do Príncipe Liév Nikoláievitch Míchki, o idiota que Dostoiévsky fez parte do mundo conhecer. Chamaram-no de fragmentário. Mistura histórias. Gostei dele. Há imagens que não ficam. Por mais que queira, partem. Elas não me pertencem e não vão fazer parte das montagens. Há imagens que crio. Sabem, Marie et Louise, a gente mora num prédio de 1890. Num desses quartos minúsculos que eram de empregados, no sexto andar sem elevador. Os patrões moravam embaixo, nos apartamentos, que a gente não conheceu. A gente estava feliz com os nossos 10m². Mas tentava imaginar as pessoas que tiveram que morar aqui por mais de um ano. A gente não agüenta, mas é obrigada a agüentar. Vejo uma moça que chora constantemente. E vocês, Marie et Louise, não me contam quem é. Ela acorda cedo e chega tarde ao quarto. Senta, escreve e chora. Chora muito. E vai dormir. Tento imaginar alguma história. Mas carrego apenas essa imagem comigo. Às vezes carrego-a para Belle-Île. Talvez ela gostasse de ver o mar. De escrever de frente para o mar. E, à noite, ir ao parque de vovô e vovó. Depois ela sobe seis andares e se tranca em seus 10m².

Marie et Louise, pintamos Paris ontem. Mas depois nos arrependemos. Uma das primeiras coisas que me chamaram a atenção foi a certa monocromia que depois me conquistou. Pintamos tudo de novo e nos jogamos no canal de Saint-Martin. Blaise fez uma fotografia e foi pro Egito. Ele disse que o próximo festival será lá. O parque está lá também. Eita!

Benjamin, suas *Passagens* me acompanham. Acho que a Belleville a que você foi pela primeira vez numa tarde de domingo mudou um tanto. Nous pourrions flâner là-bas et parler sur les possibles changements. Qu'est-ce que vous en pensez? Je veux écouter les images qui font parti à toi sur ce quartier qui fait aussi parti à moi mais, peut-être, d'une autre manière.

Marie et Louise, quis deixar vocês, sabia? Vocês me deixaram muito sozinha. Só em fragmentos. As montagens às vezes ficam repetitivas. Eu quero ver o mundo. E

vocês não queriam me levar junto. Achei cruel. Doeu. Mas tudo bem, não guardo rancor. Acho que amadureci. Saí da bolha burguesa do Brasil e cresci, ainda que não muito, numa das capitais mais caras da Europa. Na bolha burguesa de Paris, existiam outras bolhas, mais fracas e sensíveis, pelas quais transitei. Acumulei tempos de vivências diferentes. Talvez vovó tivesse passado por algumas delas naquela Minas interiorana... Na vida de burguesa na capital francesa, a gente é lembrada, querendo ou não, de que o mundo é dividido em alguns mundos, e a gente alegadamente faz parte daquele que chamam de terceiro. E também de que nesse primeiro, onde a gente morou, muita coisa funciona melhor. As comparações em uma mente colonizada aumentavam cada vez mais. “Olha que avanço, no meu país as pessoas morrem de fome, não tem saneamento básico etc.” A gente generaliza. E a gente sabe disso porque lê e escuta causos, já que, na nossa bolha pequeno-burguesa, o Brasil parece um tanto com esse mundo chamado primeiro. Mas na real mesmo, ele deve estar um pouco mais além. As comparações são feitas e trazidas constantemente. Os contrastes, sempre os contrastes. Não há favela em Paris, Marie et Louise. Aqui, eu moro num condomínio vigiado por câmeras, e no morro de trás há uma “comunidade”. Eu vejo isso todo dia. Acho que vovó só viu no Rio. Ela conseguiria viver assim? Mãos atadas e um nojo de mim mesma. A consciência de estar numa situação privilegiada, às vezes, trazia culpa. A quem eu poderia me render? A melhor palavra? Redenção (?). A vocês, Marie et Louise? Acho que não. Os tempos que se misturaram e se acumularam em mim permanecem até hoje, até sempre. Eles me constituem. A consciência persiste. O rancor passou também porque, sozinha, eu fui ao parque, em Minas. Conheci muita gente. Vovô quis me apresentar pra todo mundo. Mas eu estava com pressa. Estava atrasada. Corri para pegar o metrô em Jacques Bonsergent, ele não espera não. Fui buscar as crianças na escola. Paul começou a correr no meio da rua. Fiquei desesperada e não sabia como chamar sua atenção em francês. Falei em português e me senti ignorada. Agathe falou em francês, e ele parou. Não vou levá-los ao parque hoje, por causa de Paul. Mas eu os amo. Sonhei com eles não faz muito tempo, estavam nessa ilha de onde escrevo. Não, não é Belle-Île. Belle-Île está nos sonhos e nos fragmentos.

Marie et Louise, vocês escutaram Blick Bassy? Com ele, a montagem é uma das coisas de que mais gosto agora. Mas não dura muito tempo. Ela é logo atropelada por outra. Mas a primeira música... ela é poderosa! O tempo está aqui, na minha frente. Ele e todo seu acúmulo me puxam para perto e me fazem querer me entregar de vez. A montagem persiste. E sinto-me feliz. Parece um plano-sequência. É suave, com

movimentos leves. Eles dançam. E o mundo parece que parou ali. Mas é só com a primeira música. Depois, o corte é brusco.

Vovó e vovô, eu vi uma foto de vocês na casa de Blaise. Estavam vocês, uma tia e alguns tios. “Où il a prit cette photo?”, pensei. Quando ele chegou, perguntei sobre a fotografia. “Mais de quelle photo tu parles là? J’ai aucune photo de ta famille chez moi.” Acho que meus sonhos estão tomando conta de mim mais do que pensei. Talvez queria aproximá-los. Vocês de Blaise, talvez? Os sonhos de mim? Ou vocês de mim? Sempre vocês de mim, por mais que eu falhe vez ou outra.



Gosto dos olhares, Marie et Louise.

Tenho planos longos de olhares que me fazem sentir. Os mais longos são de Blaise. Tento traduzi-los, mas talvez fiquem melhor assim, sem tradução. Tenho os de Paul, não entendendo o meu sotaque brasileiro falando francês. Não tenho os de vovô e vovó. Esses eu não consigo criar. Se tento colocar olhares neles, parecem forjados, e não sinto que sejam meus avós. Tenho os olhos raivosos do moço que tentou me agarrar na rua e depois me chamou de árabe de merda. Esse daí não aparece muito nas montagens. E quando aparece, é pra se questionar. Ou tentar.

A natureza está mais presente agora. Substituí muitas cidades. Ou foi o tempo? Parece que não se encaixam tanto. Vejo mais o mar, o sol, as estrelas e uma cidade pequenina que parece acolher. Não sei se é sonho ou memória. Mas importa? Já faz parte de mim.

Blick Bassy não me abandona. Quando quero controlar os cortes (ou tentar), ele me ajuda. Com a primeira música, sempre a primeira. Eu estou em Belle-Île. Dessa vez eu me vejo, eu consigo. Tu as vu la lumière, Blaise? Elle nous touche d'une manière incroyable et cela me faire sourire. Elle est sensible et lisse. Quand elle tombe sur nous j'ai l'impression d'être dans un revê. Mais j'y suis! Elle tombe lentement et ce mouvement nous amène à travers l'île et à travers nous. Lembro das imagens de Emmanuel Lubezki em *Amor Pleno*, de Terrence Malick, que chegam para mim através de seus enquadramentos e movimentos. Queria que vocês pudessem ver, Marie et Louise. Às vezes, eu até desligo a música, porque ela traz o que fica meio escondido e só aparece vez ou outra. Essa montagem também me faz sorrir. É a única sobre a qual consigo ter algum controle. É a única na qual consigo me ver melhor. A música ajuda o tempo a me fazer reviver?

E as imagens que não vi, Marie et Louise? Vejo momentos em lugares que não visitei ainda e, às vezes, com pessoas que não conheço. Vejo Blaise no carnaval do Rio. Mas ele não conhece o Brasil. Só que quem disse que não as vi?

Marie et Louise, vocês estão aqui. Sem rosto. Sem olhares. Iguais à vovó e ao vovô. Eles ficaram nas fotografias. Nos negativos e nos fragmentos que levo comigo. Vocês estão nos fragmentos. Vocês me ajudam nessa brincadeira. Mas, vez ou outra, resolvem desaparecer. Pra onde?

BOULEVARD, selon Larousse: large voie de circulation. *Theâtre de boulevard*: comédie légère ou domine le vaudeville. *Les Grands Boulevards*: les boulevards qui vont de la place de la République à la place de la Madeleine, à Paris. Boulevard du Temple (c'est proche de chez nous, Marie et Louise!), Boulevard Saint-Martin, Boulevard Bonne Nouvelle, Boulevard Poissonnière, Boulevard Montmartre, Boulevard des Italiens, Boulevard Filles du Calvaire etc.

Marie et Louise, qui étiez-vous avant d'être Marie et Louise? Peut-être le nom d'un Saint? Fico feliz que não tenham sido o nome de um santo. Benjamin comentou que poderiam ainda ter levado o nome de algum combatente francês. Fiquei feliz pela segunda vez.

Marie et Louise, achei o ingresso! Foi em oito de dezembro de 2015. Tem uma camisa florida que lembrava os trópicos e uma senhora cantora louca e querida. Foi pouco tempo depois do Bataclan. Era uma casa de show, e comentei com o moço que eles chegaram do nada, no meio de um show. Daí a gente lembra: “Não pensa, senão a gente começa a pirar. A pirar e parar de viver. Ou tentar”. Não levei vovó e vovô nesse dia. Esse corte está numa caixinha que guardo de começos. Começos incertos como esses fragmentos. Foi um salto. A ilha aparece logo na cena seguinte. Mas ela demorou. O entre-corte demorou muito tempo. Vejo a tela preta. Nem esbranquiçada das imagens que partem, porque não tinha minha criação (?) naquela época. O tempo ficou pesado. Ele me mostrava coisas que não queria reviver. A gente ficou cheia, chateada e solitária. Vocês ficavam muito tempo fora, e eu nunca vou saber o motivo. O canal estava sempre lá. Mas eu me tranquei. Abandonei vovó e vovô. Abandonei a mim mesma, e as imagens me abandonaram também. O tempo partiu? Mas ele não faz parte de mim? Não via montagens. Estava vazia. Estava fria. Queria xingar Paris (e xinguei!) e deixar essa cidade num dezembro frio. Corri pra République. A praça vivia cheia. Pensei que com o movimento as imagens voltariam pra mim. Mas era inverno. Não havia multidão. “Monsieur, une pinte, s’il vous plaît.” Acho que foi vovó e vovô que me abandonaram. Eles não voltavam. Acho que o parque foi para mais longe. O tempo estava em minha frente, parecia vazio igual a mim, mas sei que escondia boa parte de mim para mim. “Vous êtes bien?”.

Marie et Louise, fiquei muda. Sem imagens. Sem montagens. Achei um recado da moça do quarto. Colei no caderno:

Perco-me. Nesse tempo confuso e indeterminado. Nesse tempo sem tempo. Sem noção de tempo. Nesse tempo que me constitui e anda comigo. Perco-me em mim mesma. E escrevo palavras medíocres que ecoam na minha cabeça. Palavras clichês que pedem para ser escritas. De sentimentos confusos. De uma incompreensão constante. Terei eu, algum dia, alguma compreensão? Sobre mim mesma? Sobre o meu redor? Acho que não prefiro. A compreensão pode deixar muda. Imóvel. Sem movimentos, sigo carregada. E as pernas pesadas são levadas para onde nunca queriam ir. Com a compreensão fico incompleta. Incompletude. De quê? O vazio é constante e não sabe como desaparecer. Essas palavras tontas, escritas por essa mão sonolenta, sumirão. Elas deixarão de fazer sentido. Que sentido? Às vezes me canso das

perguntas. Mas elas me movimentam. Quero ser um ser em movimento. Em constante movimento. As palavras clichês que perpetuam.

Uma madrugada fria em Paris.

Que ano seria, Marie et Louise? Ela não anotou.

Os fragmentos me movimentam. Sem eles, agonio. Eles vêm para mim, e guardo-os. E crio-os também. Blaise me ajudou. O movimento foi constante. Os fragmentos foram muitos. As montagens inúmeras. Perdi-me num mar e flutuava. Quase me afoguei. Mas conseguia voltar à superfície. Vovó e vovô me davam as mãos.

Passei a tarde no Jardin de Luxembourg. Pensei que encontraria Marcel por lá, mas acho que ainda esperava pelo beijo de boa noite de sua mãe, em Combray. Uma pena, pois o dia era quase de verão e estava agradável. Avistei tia Rô e tio João com minhas primas pequenas em maiô de banho. Pareciam brincar com a água, mas estavam num gramado. Tentei me aproximar, só que a cada passo que dava, eles desapareciam aos poucos. Tentei correr, porém, ao chegar perto de onde estavam, Paul e Agathe me chamaram para irmos comprar pain au chocolat. Era outono, e estava quase escurecendo.



Où êtes-vous, Marie et Louise? Vous me manquez. Eu não me levo a sério. Só os fragmentos e as fotografias. Eles sim me formam. Minhas montagens. Isolo-me, e ninguém entende. Isolo-me para absorver tudo. Acho que seria para tentar selecionar mais imagens. Il faut continuer, il faut continuer. A solidão é amiga quando quero tentar ter controle sobre a montagem. Abro a caixa de fotografias e vejo Blaise. Mais tu n'es pas en Tunisie? Viens vite au Brésil, d'accord?

Vejo-me incompleta, Marie et Louise. Percebo que essas montagens misturadas em tempos e momentos (muitos que nem sei) nunca vão me deixar. Nunca vou estar completa, montada, inteira. O senhor Kracauer disse que a própria fotografia é uma representação do tempo.

Diante dos olhos dos netos a avó se dissolvia em detalhes então na moda tornados *démodé*. Os netos riem dos trajes que, com o desaparecimento de seus usuários, lembram um campo de batalha – uma decoração exterior tornada independente. São impiedosos, pois as jovens vestem-se diferentemente hoje. Riem, mas expressam ao mesmo tempo um certo espanto. Pois, por meio da ornamentação dos trajes, na qual a avó desapareceu, acreditam tocar um instante do tempo passado, tempo que não mais retorna. O tempo, na verdade, não é fotografado juntamente com o sorriso e o coque. Mas, a própria fotografia, assim acreditam, é uma representação do tempo. Se a fotografia lhes oferecesse apenas a duração, não apreenderiam nada de mera temporalidade, mas seria o tempo através deles a criar imagens.⁹

Espanto-me como tais netos. As imagens criadas pelo tempo estão aqui. Toco, mesmo que rapidamente, esse(s) tempo(s). Não vi vovó de coque, mas penso ter conseguido tocar o tempo de quando mamãe foi noiva. Estavas feliz, mamãe?

Sou fragmentos desses tempos que se misturam tão freneticamente e que, às vezes, me deixam atordoada. Assustam-me. E não sei o motivo. Eu sonho com gente que não conheço, num tempo que desconheço mais ainda. Elas, as montagens, me visitam e se fazem presentes na minha vida. Elas se fazem presentes nesse tempo que me constitui. E essa gente desconhecida conhece pessoas que conheço. Esses tempos que me montam são um tempo contínuo e não divisível e se acumulam em nós, em mim. Acho que entendi a duração com a metáfora que Henri me contou:

⁹ Kracauer, Siegfried, *O ornamento da massa*. Tradução de Carlos Eduardo J. Machado e Marlene Holzhausen. São Paulo: Cosac Naify, 2009, p. 65.

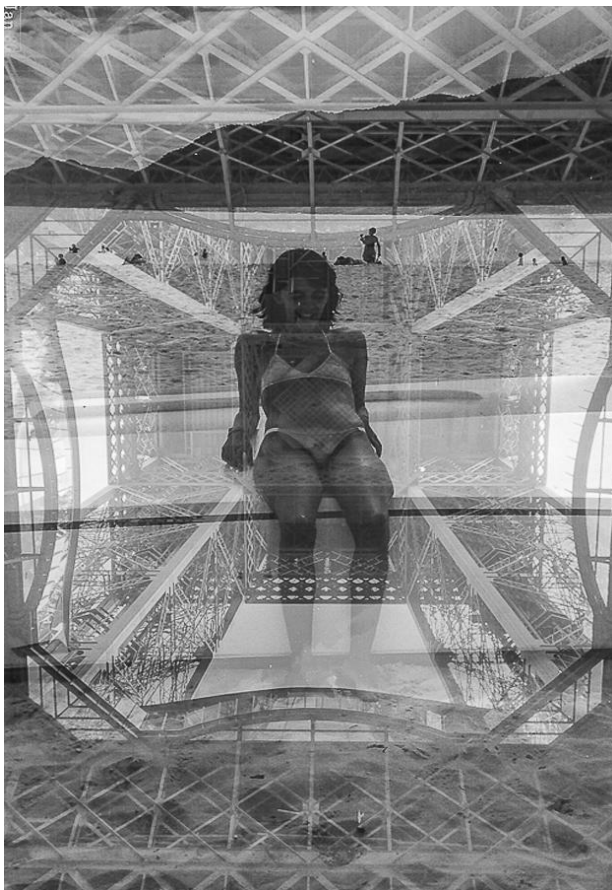
Écoutez la mélodie en fermant les yeux, en ne pensant qu'à elle, en ne juxtaposant plus sur un papier ou sur un clavier imaginaires les notes que vous conserviez ainsi l'une pour l'autre, qui acceptaient alors de devenir simultanées et renonçaient à leur continuité de fluidité dans le temps pour se congeler dans l'espace: vous retrouverez indivisée, indivisible, la mélodie ou la portion de mélodie que vous aurez replacée dans la durée pure. Or notre durée intérieure, envisagée du premier au dernier moment de notre vie consciente, est quelque chose comme cette mélodie.¹⁰

Escuto sim, monsieur Bergson. Será que consigo manter os olhos fechados?

Saudade. As fotografias me aproximam de vocês. Mas acho, às vezes, que me distanciam também. O tempo não traz tudo pronto, ele não entrega tudo. Porque com vocês, eu preciso criar, inventar, imaginar. Ele me ajuda, porque depois de criar, ele me faz reviver aquilo que penso realmente ter vivido. Mas eu vivi! Estive no almoço de domingo. Não era em Minas. Vocês quiseram visitar Claude e Claude em Belle-Île. Bem que você me disse que a vovó ia adorar a ilha, vovô. Mesmo com o tempo de barco até lá, ela vai. Queria ir e ficar. Lá é mágico. Sinto-me leve. Lá as montagens param. Mas não sinto falta. Deixo as fotografias de lado. Blaise lembrou do jantar na casa de Clemence. On doit pas être en retard.

Baden Powell, com seus Afro-Sambas, me permite montar. Os batiques me transportam e deixam os pés dançantes. Eles dançam sem vocês, Marie et Louise. Estou em Paris, no norte. As fotografias da antiga caixa de biscoitos estão na minha frente e se movimentam. Elas se despedaçam e se grudam contra meu corpo. Alguns pedaços escapam e voam pra longe. Não reconheço ninguém. As narrativas diversas que cada fotografia trazia misturaram-se a mim, me pertencem. Eu sou um pedaço de cada fotografia. E, a cada momento, me transformo numa fotografia nova. Essas fotografias me formam e, com elas, vivo numa montagem constante de vida. Numa montagem constante de tempos. Essas fotografias, em fragmentos, misturam-se a Paris, a Blaise, à Minas desconhecida, à querida Belle-Île. Elas me montam em infinitas montagens. Sou memória e sonhos em fragmentos.

¹⁰ Bergson, Henri. *Durée et simultanéité. À propos de la théorie d'Einstein*. Paris: Les Presses Universitaires de France, 1968, p. 38. Édition électronique dans la collection Bibliothèque de Philosophie Contemporaine, de l'Université du Québec: http://classiques.uqac.ca/classiques/bergson_henri/duree_simultaneite/duree_et_simultaneite.pdf



Vi mamãe três vezes essa semana.

Tentei contar para Marcel, mas ele não quis saber, queria tentar manter a imagem que tinha dela vestida de noiva e, assim, imaginar a sua própria mãe. Fico contente que ele tenha me impedido de falar antes que pudesse estragar a imagem que carregava. Para mim, o vestido de noiva misturava-se a biquínis. Acho que mamãe não gostava de Paris e sentia saudade do mar e da água quente dos trópicos. Decidiu protestar. Visitou a Torre Eiffel, a Notre-Dame e a Place de la Bastille de biquíni. Sim, usando biquíni! Tentei chamá-la e alcançá-la as três vezes em que a vi (em duas delas tinha sido alertada por Walter que fazia suas *promenades* pela cidade com seu caderno embaixo do braço). Maman, viens chez moi, s'il te plaît.

Marie et Louise, je suis complètement perdue. Je me vois à Goncourt. Papi et mamie m'attendent mais j'ai oublié le chemin pour arriver chez moi. Je pars chez Blaise. Il n'est pas là. Marie et Louise, estou vazia de novo (Como? Estou carregada de tempos, não?). Vocês me fariam companhia enquanto os fragmentos se escondem? Às vezes, os idiomas se misturam. Scott quis me visitar ontem, mas eu neguei em francês. Três meses de inglês em Paris, comecei a recusar. Tentava ensinar um pouco pra vovó e vovô, eles pareciam interessados, mas minha cabeça anda fraca, e não consigo prendê-

los muito tempo comigo. Blaise sumiu há dias. Não sei por onde anda. Corro pras fotos. Você vai voltar?

Angoisse. Angoisse. Angoisse. Vous êtes où? Por que não me levam com vocês? Vocês não são reais em mim? Então, fiquem! Permaneçam reais e imaginários. Loucos e frenéticos na minha cabeça, sempre comigo. Às vezes, fico quase inteira, mas me vejo muito repetitiva. Nunca preencho.

O mundo em mim, e eu corro dele. Queria só vocês. Mas tudo se mistura. Tudo vem desconexo. Eu não me levo a sério.

Dou tempo a vocês. Dou tempo a mim. Sei que voltarão. Mas não temo dar tempo. Eu tento me enganar, mas ele está sempre aqui. Ele não para. Calma! Dar tempo? Ele não é imagem. Sinto que traio Bergson vez ou outra. Je suis désolée, Henri!

Canal de Saint-Martin, Canal d'Ourq. Os belos canais.



Benjamin, encantam-me suas passagens.

Não quero (re)copiar. Quero brincar com elas, assim como brinco com as fotografias e os fragmentos. Também morei em Paris, bem menos tempo que você (pelo menos até agora), mas tive minhas brincadeiras e loucuras pela cidade monocromática. Morava

com Marie et Louise. Na Marie et Louise. Era uma rua, sabe? Havia uma menina grafitada quase ao lado do meu prédio. Ficava pensando se não teria sido traquinagem de uma das duas. Passava por ela todos os dias. Sempre me olhava com seus olhos estáticos. Gostava do lenço verde amarrado ao pescoço, que caía muito bem com seu macacão preto que mostrava suas perninhas finas. Nunca soube se tinha cabelos longos ou curtos, porque nunca tirava seu boné estampado de preto e branco. Imaginava-a de cabelos curtos. Preciso lembrar-me de perguntar o que aconteceu com seu braço esquerdo, faz tempo que ele está enfaixado, espero que não seja grave. Fazia dela minha companheira, tinha uma paciência enorme para ouvir. Você conhece o Canal de Saint-Martin? Vai lá, você vai gostar. Ainda não passei os olhos sobre ele pelas suas passagens. Si tu veux, je peux aller avec toi et après on se promène un peu sur la ville.

Outono de paleta de cores do amarelo e do laranja. Victoria me acompanhava, às vezes. A cultura germânica difere bastante da nossa, não é? Quando eu gesticulava muito, ela me olhava assustada. É muito querida. Marie et Louise gostaram dela. Blaise gostaria de conhecê-la também. Acho que vou convidá-la para a próxima visita ao parque de vovó e vovô.

Os bares Chez Adel, Chez Prune, Le Comptoir, Le Comptoir General.

Estou carregada e não consigo descarregar. As imagens estão se amontoando, se sobrepondo e eu não consigo nem distingui-las. Estão irreconhecíveis. Apelo pra consciência!

Escutei na France Culture “Il est content d’être le soleil.”. Eu também seria feliz em ser o sol.



As margens do Sena estavam bastante freqüentadas. Bref, le soleil est venu rendre une visite à Paris. Observava as pessoas que carregavam sorrisos tímidos nos rostos e casacos nas mãos. Em meio a elas, vovó e vovô beijam-se. Não se separam e os dois parecem ter congelado enquanto as pessoas iam e viam em torno deles. Desvio minha atenção para um músico que acaba de se instalar perto de mim. Ao retornar para a outra margem do rio, onde os dois estavam, vovô acena para mim e sobe as escadas, até chegar ao pequeno caminhão, onde vovó estava ao volante. “On part chez nous!”, consegui escutá-los. “Mais c’est où ça?”, devolvi o mais forte que pude. “On ne sait pas. Peut-être quelque part ailleurs”, ele sorriu e subiu no caminhão.

Os cafés e bares com suas cadeiras viradas todas para frente. Parisienses não passam de observadores? Admiram o vai e vem daqueles que apressam o passo e se esbarram para não perder o metrô. A linha sete está fechada dès Place d’Italie jusqu’à Pont Neuf. C’est un colis suspect de novo? O jeito é s’instaler dans une terrasse e observar. Marie et Louise seguiram a pé.

Jacques Bonsergent, Goncourt, République, Censier Daubeton, La Chapelle, Montgallet, Stalingrad, Belleville, Mairie d’Ivry, Chateau d’Eau.

As estações são tão próximas umas das outras. Menos as dos queridos. On passe beaucoup de temps dans le métro de Paris. Há personagens. Na linha 8, de République a Montgallet – ou melhor, era sempre o caminho inverso, lá pelas oito da noite, depois de deixar Paul e Agathe com dois sorrisos sinceros no rosto et dire “à jeudi” – sempre entrava um moço estilo punk (?) com um grande cachorro – que fedia em dias chorosos – pedindo dinheiro. Sempre me dava vontade de acariciar o cachorro. Era enorme, preto e parecia manso. Um grande bobalhão.

Marie et Louise, a rua é perto de Belleville. Vovô me mostrou *Les triplettes de Belleville* não faz muito tempo. Quando pego a linha 11 ou a 2 sempre penso no filme e, conseqüentemente, em vovô e vovó. Onde será que estão agora? Falei pro Blaise mostrar o filme pra Adèle. Ele sabe, il faut rêver. Il faut toujours rêver.

O último concerto em Paris, antes de voltar à *terra brasilis*, chamava-se “J’aimerais tellement rentrer chez moi mais pas pour toujours”. Peguei o folheto, que está colado na parede. Traduziu para o francês aquilo que eu estava sentindo em português. Blaise riu.

Sou fraca e me apaixono rápido. Como vocês conseguiam mudar de cidade de mês em mês? No máximo até quanto tempo em cada cidade? Marie et Louise me chamam constantemente de volta a Paris. Queria poder atendê-las. Demoro a entender que consigo atendê-las. Vez ou outra, sou transportada ao Canal de Sain-Martin e me observo ao lado de Nabila, que me conta sobre sua *journée*. Meu amor pela *terra brasilis* é gigante. “Eu sou amor da cabeça aos pés”, mas também sou indecisão. Muita indecisão. Cadê vocês?

Marie et Louise, eu me vi com trinta anos. Não sabia muito bem onde estava. Blaise estava ao meu lado. Era Rio ou Paris? Ou mesmo Floripa? Pegamos o trem e desembarcamos numa terra de ritmo e sem hora contada. A saia rodava em cores vibrantes, e a música acelerava cada vez mais. Corte. Era saída do trabalho. Metrô lotado e um empurra-empurra. Paris? Eu não conseguia distinguir o idioma. Vi vovó e vovô sentados, em preto e branco, em dois bancos no fundo do vagão onde eu estava. Eles não me viram. Gritei por eles, mas não me ouviram. Blaise, tu peux venir me chercher? J’ai peur.

Escuta a batida. O Sena está ali. Ou é o Tietê?

Caí no metrô. Ninguém me ajudou. Chorei no mercado. Uma moça veio me abraçar. Onde eu estava?

Oi, insônia. Abraça-me e me leva pra Paris? Podemos pegar o trem e descer na Gare du Nord. Pede um sambinha e explode a cabeça de confusão.



Vem, dá a mão, Blaise. A gente tem que pular as sete ondas. Eu não lembro o porquê, mas vem. Corre, o trem vai partir, e não vamos conseguir nos despedir de vovó e vovô. Boa, Bahia! Marie et Louise pediram fotos. Chora de saudade e volta pra me dar um abraço apertado.

Ainda há tempo, segundo Criolo. Que tempo? Afinal, ele está sempre aqui.

Um músico iraniano disse uma vez, em Paris, que o oceano não separa, ele nos une. Eu me lembro que achei tão bonito quando ele disse isso, chorei. Mas agora não concordo mais. Ele separa de uma maneira dura. Il ne te demande pas, il seulement fait. Je me vois dans cette énorme portion d'eau, sans respirer, complètement perdue et en train d'essayer à trouver une terre. Une terre qui me fait du bien.

Eu acho que tô vazia e cheia ao mesmo tempo. Do quê? De tempos?

Vi um tanto do mundo. Do velho continente. E voltei pra América. A América esquecida, a latina, a do sul. Aquela que seria um quintal (?). Voltei e me senti no fim do mundo ao som de um samba paulista. Talvez fosse Adoniran, mas não me lembro. Vi-me no fim do mundo e gostei. Parecia que o clichê do exotismo me subia à cabeça e eu dava um novo significado a tal observação. Moro em cidade, em meio a prédios e com o mar em frente, mas poluído. Mas o samba me leva pro mato, pro rio e pro mar limpo com peixes prontos para serem pegos.

Corre para as fotografias!

Misturei tempos, momentos e pessoas. Paris, Minas, São Paulo, Rio, Belle-Île, Floripa. Criei histórias? Memórias? Parece que as vivi. Mas eu vivi! Marie et Louise me trouxeram um envelope sem remetente. Dentro dele havia fotografias em pedaços com rostos de vovó, vovô, Blaise e de pessoas que eu nunca tinha visto. Os lugares também eram diversos. Joguei-os no chão. Comecei a brincar de quebra-cabeça. Surrealismo passou por aqui?

Cafés, boulangeries, brasseries, alimentation générale, bar.

Hausmann, sua destruição da velha Paris e a construção dos grandes boulevards não deixaram as pessoas menos inquietas. Passei pela République e ela estava tomada. Você evitou as barricadas nas ruelas, mas a sede continuou nas pessoas, e elas se adaptaram. Adaptação. Il faut toujours s'adapter.

Baden cantou e disse que se a gente quiser amar e o amor a gente tem que ir a Salvador. Mas o amor, Baden, ficou por Paris.

Croissants, mamão, vinho, pão de queijo, pains au chocolat, vinho, açai, baguettes, vinho, scargot, vinho, vinho, vinho...

Na rua, no parque, no quarto, no metrô, no ônibus, no trem, no bar, no café, na biblioteca, na mesquita, no museu, no cinema, na torre, no arco, no canal. Sozinha, estrangeira e longe da terra natal. Sensação nunca antes sentida. Mistura de alegria e tristeza. Mistura de agonia e liberdade. Que liberdade?



Coloquei uma viola na janela do meu quarto. Acho que vovó não vai gostar, ela vai ficar com medo de quebrar. É de vovô, e ela ficou chateada porque eu a trouxe pra Paris sem permissão. “É pra ter uma lembrança física de vocês comigo, vovó.” “Contente-se com as não físicas, ora.” Pois não. Materialidade, às vezes, me faz bem. Vovô não ligou. Disse pra eu mostrar pro Blaise. “Pede pra ele tocar alguma coisa pra você. Se você tivesse aprendido comigo antes de ir, poderia ensinar a tocar Bethânia, né não?!” Pois não aprendi e uso como decoração. Desculpa, vovô. A gente escuta você quando chegar no Brasil. Nosso trem parte semana que vem.

Queria carnavalizar Paris. Mas, daí, ela deixaria de ser Paris? O que vocês pensam, Marie et Louise?

Como visitar todas as exposições, assistir a todos os filmes, ir a todas as peças de teatro, escutar todos os concertos, freqüentar todas as festas de origens – nacionalidades – diferentes? Como? Nós nos acomodamos de bobeira, Marie et Louise. Aqui, não dá pra brincar com o tempo. Não é que a cidade te engole, ela te devora e joga pra longe. Brinquemos não. Capaz de ela não nos perdoar.

Paris, tento escrever sobre você. Ou não seria sobre você, mas sim sobre Marie et Louise? Ou nem um, nem outro? Seria sobre vovó e vovô? Sobre Blaise? Seria sobre tudo isso e mais nada? Seria saudade? Seria tristeza? Amor? Solidão? Agonia? Ansiedade? Desespero? Tensão? Cansaço? Indiferença? Fingimento? Silêncio? Silencio

sem resposta e tento continuar a escrever, mesmo quando as palavras teimam em desaparecer. Acho que são sobre tempos de mim. Tive um sonho que misturou Paris, batuques, primavera, Blaise, um primo distante, Adèle, desconhecidos sem rostos, mas dançantes e uma alegria que estampou um sorriso no rosto ao levantar. Tive um sonho bom.

Olho pra ontem e já não me reconheço mais. Tampouco reconheço a de agora. E a de amanhã? O tempo me constitui. Os tempos de outros também. Daqueles que não conheci, daqueles que conheci. E, assim, com esses tempos, a brincadeira começa. Monta e desmonta. Desmonta e monta. Viro o quê? Não reconheço nada?

“A dream itself is but a shadow.” (Hamlet, ato 2, cena 2)

Meus sonhos ultrapassaram a bolha. Antes, um tanto fechada, muita coisa ficava escondida – será que ainda fica? aposto que sim –, não era vista. Depois de Paris, a bolha estourou, e os sonhos voaram. E nesse tipo novo de voo a *terra brasilis* é vista de todos os ângulos possíveis com toda sua riqueza cultural e identidades diversas. La métissage desse país no novo continente encantava aqueles que haviam nascido e vivido no velho continente. Não é mesmo, Marie et Louise? As personagens das fotografias guardadas nas caixas de biscoitos fariam sucesso por aqui. Cada um, cada qual.

Eu não vim de Paris, mas um dia eu ainda volto pra lá. Como Gil volta pra Bahia. Só que eu acho que também volto pra Bahia.

Passei anos me procurando por lugares nenhuns.
Até que não me achei – e fui salvo.¹¹

¹¹ Barros, Manoel de *Meu quintal é maior do que o mundo*. Rio de Janeiro: Schwarcz, 2016, p. 77.



Vovó e vovô foram nômades, Marie et Louise. Blaise e Claude encantaram-se pela história do começo dos dois e do parque. “Tu dois aller chercher plus d’informations chez ta famille. C’est génial ça.” Será que eu quero procurar mais informações ou estou mais acomodada criando as histórias que crio e assim, na maioria das vezes, acabo não me decepcionando? Porque assim quando o tempo nos faz reviver, é tudo aquilo que criei. Mas acabei ligando para eles. Pedi histórias de vovó e vovô. Queria ouvi-los. Porém acabaram contando algumas das filhas e dos filhos. Falaram de mamãe, a caçula, que fugia da cama para ficar com a vovó na barraca de tiro ao alvo. Ouvi correrias, muitas correrias. Vovó corre daqui para ajudar uma das tias que, numa traquinagem em ser artista de circo, conseguiu derrubar um trailer em cima dela e quase morre; vovô corre de lá para saber quem autorizou o funcionamento da roda-gigante (em conserto) para um dos tios que acabou caindo do alto e ficou um tempo no hospital; tia Si corre atrás do macaco que roubara seu chinelo ao entrar na tenda onde os animais ficavam, acabou sendo mordida pelo amigo do macaco e mostra a cicatriz no dedo às gargalhadas; tia Rô queria correr para longe do parque, a vida nômade nunca fora para ela, a mulher mais velha dos filhos. Vovó e vovô, vocês eram nômades. Pelo menos foram por um tempo. Vocês foram salvos? Ou acabaram se achando?

Eu estou longe de vocês, Marie et Louise. Acabei de perceber. Estou em meio a grandes prédios, perto do mar, e avistei um morro ao fundo com um uma luz de pôr do sol. Não é Paris. Paris não tem mar. Paris não tem grandes prédios. Paris não tem morros (quer dizer... Montmartre tem!). Mas Paris tem vocês. Paris tem Blaise. E Paris tem vovó e vovô também. Paris tem uma parte de mim. Parte que ficou e vai ficar por lá, transitando pelas ruelas de séculos passados e becos. Seria essa parte muito grande? Não é inteira, na verdade. São os fragmentos. São pedaços pequenos espalhados pela cidade. Estamos longe, mas vocês vêm visitar com frequência. Nunca ficam muito tempo, por mais que eu insista. Falam que estão atrasadas e que a vida segue e é preciso tentar acompanhá-la. Será que é realmente preciso, Marie et Louise?

Faço de Paris um quebra-cabeça. Monto e desmonto sem parar. Saint-Martin acaba por se encaixar com Marie et Louise. Chateau d'Eau, vez ou outra, encontrava-se com Stalingrad que preferia se encaixar com La Chapelle. Corria de Oberkampf para Vitry-sur-Seine (seria minha ligação com o Brasil?). O Jardin de Luxembourg era generoso e acabava se montando com quem eu achasse melhor no momento, e de lá, acabava parando na Goutte d'Or. Montparnasse era peça solta e, quase nunca, entrava na brincadeira. Boulevard Saint-Germain e Boulevard Saint-Michel andavam juntas e quantos passos perdidos por essas peças que não se desgrudam. Montgallet ligava-se à rua Censier? Cada hora é capaz de surgir uma imagem nova que, logo em seguida, será substituída por outra. E, no final (que final?), todas serão misturadas freneticamente formando uma enorme imagem que não fará sentido algum, mas tudo e todos estarão lá. Essa imagem carregará tudo e nada, ao mesmo tempo. Ela será importante e inútil. Será bela e feia. Será colorida e monocromática. Será tudo e nada. Seria a imagem que Kracauer chama de última?

A esta imagem, que podemos com pertinência chamar de última, devem se reduzir todas as imagens da memória, pois é só nela que perdura o inesquecível. A última imagem de um indivíduo é sua própria história.¹²

Vejo, então, minha própria história? Alguma coisa ela há de ser. Mas também, talvez, não seja nada. Ou ela seja só pra mim, pra mais ninguém.

Kracauer deixou um recado com Marie et Louise endereçado a mim, disse que:

¹² Kracauer, Siegfried, *O ornamento da massa*. Tradução de Carlos Eduardo J. Machado e Marlene Holzhausen. São Paulo: Cosac Naify, 2009, p. 68.

Sob a fotografia de um indivíduo está enterrada sua história como sob um manto de neve.¹³

Queria tentar descobrir, senhor Kracauer.

Il manque encore beaucoup de temps. Pourquoi? Il manque encore beaucoup de temps? Il manque encore des rêves. Il ne faut pas oublier de rêver. Si tu oublies de rêver, la vie s'arrête. Et si la vie s'arrête, tu vas faire quoi? Ne me laissez pas toute seule, Marie et Louise. S'il vous plaît, ne me laissez pas toute seule. Mais le temps est là pour m'aider. Il m'aide toujours.

Je rêve beaucoup de Paris. Je rêve de moi, que je suis quelqu'un d'autre. Quand je suis à Paris, je suis quelqu'un d'autre. Je me sens plus proche de la personne que je veux être (qui veux-tu être?). Je sens que je suis redevenue quelqu'un qui ne bouge pas, quelqu'un qui reste. Il faut bouger. Monsieur temps, pouvez-vous me bouger ?

Ma tête voyage. Elle est souvent à Paris, mais aussi à Minas Gerais. Elle est aussi dans les endroits que je ne connais pas.

As imagens me perseguem o tempo inteiro. Sejam de Paris, de Minas – que Minas? –, de Floripa, de Blaise, de vovó e vovô, de Marie et Louise – mesmo sem rostos. Chega a pesar. Mas elas conseguem me manter em movimento, consigo sentir, consigo tentar criar – o quê? Para Coccia, a vida não existiria sem imagens. Elas existem num espaço intermediário entre o corpo e a alma, e, por causa dessa ocupação que fazem, há vida.

Sem imagens, sem sensíveis, todas as coisas existiriam apenas em si mesmas, toda forma de influência seria impossível, o universo seria uma massa de pedras cuja única relação recíproca seria aquela determinada por uma força exterior – fosse ela a gravidade ou uma ação centrífuga. Se o mundo conspira para algo de unitário, é somente graças às imagens.¹⁴

Às vezes me frustro nessa perseguição constante que fazem comigo. Queria me desprender. Arrependo-me no mesmo segundo. E, mesmo se não me arrependesse, não conseguiria tal ação. Elas, as imagens, grudam e desgrudam de mim o tempo todo. E eu, quando consigo, faço uma grande mistura e brinco com as montagens. Prendo-me a

¹³ Idem, p. 68.

¹⁴ Coccia, Emanuele. *A vida sensível*. Tradução de Diego Cervelin. Florianópolis: Editora Cultura e Barbárie, 2010, p. 38.

elas, e elas a mim. Com elas, consigo tentar. Com elas, e só com elas, como disse Coccia, há vida. E vida em movimento. Nesse espaço onde elas estão faço morada.

L'intraitable manie qui consiste à ramener l'inconnu au connu,
au classable, berce les cerveaux.¹⁵

Homem – MULHER – sonhadora. O sonho da vida real. A vida real de um sonho. As confusões imagéticas que permanecem na retina.

A IMPORTÂNCIA DA INUTILIDADE. A quem essas imagens servem? Que importância há nesses sonhos – realidade? – Há de ser válido!



O que é o homem sem sonhar?

Chère imagination, ce que j'aime surtout en toi, c'est que tu ne pardonnes pas.¹⁶

Comment ça arrive, monsieur Breton?

¹⁵ Breton, André, *Manifeste du surréalisme*. Paris: Gallimard, 1966, p. 4.

¹⁶ Idem, p. 2.

A gente pensa que é único, pelo menos em algum momento esse pensamento arrogante acaba aparecendo. Mas, em algum canto, também há outro alguém tentando ser inútil.

Vovó e vovô, a filha mais velha de vocês desfilou em Itararé. Ela fará o mesmo em Paris? Marie et Louise que pediram pra perguntar.

Vejo-me um pouquinho em vocês. Alguém que não conheço e que talvez faça parte de mim, mas que não fala comigo.

Vi o parque no céu de Paris.

Agarrei-me a Breton, mas ele soltou a minha mão. – Vai sozinha! – ele me disse.

Tô tentando seguir sozinha, Marie et Louise. Mas acabo lembrando que vocês estão comigo, acabaram ficando um pouco, de algum modo. A gente fica longe. A gente se esconde. A gente tenta se camuflar. Mas, ao mesmo tempo, não queria nada disso. Queria estar perto, bem perto. Queria um abraço apertado. Queria substituir o imaginário pelo real. Que real? Esse é o meu real.

A cidade ficou deserta, vovô. E o senhor sabe o que aconteceu? Um baita de um vendaval. E, de repente, fotografias, vindas não sei de onde, começaram uma dança frenética pelas ruas vazias e solitárias. Eu tava ali, e elas pareciam dançar comigo. Ou, pelo menos, queria que dançassem comigo. Acabamos dançando juntas, por alguns minutos. Elas faziam movimentos bonitos, leves. Corte. Elas começaram a desaparecer aos poucos. Gritei para me levarem com elas, seja lá onde fizessem morada. Não me escutaram. Ou me ignoraram.

Sont un écho redit par mille labyrinthes¹⁷

Escuto a ambulância daqui. Os passos lerdos e calmos do vizinho querido. As duas crianças que choram (e berram!) todos os dias antes de saírem para a escola. A voz suave e amada que diz “Ah oui!” frequentemente. A televisão no último volume do mesmo vizinho querido. As panelas do restaurante que ficam no primeiro andar do prédio. As garrafas (aposto que a maioria é de vinho!) jogadas no lixo. O tal vizinho

¹⁷ Baudelaire, Charles. *Fleurs du mal et autres poèmes*. Paris : Garnier-Flammarion, 1964, p.42.

querido falando (bem alto!) ao telefone num idioma que não consigo identificar. O mar de Belle-Île. O vento de Belle-Île. O silêncio de Belle-Île. A moto que atravessou a ilha várias vezes. A música animada do barco dançante pelos canais de Paris. A chuva que cai constantemente na cidade. Os tiros. A música no metrô misturada a passos apressados e atrasados, como os meus.

Mantenho trajetos na memória, Marie et Louise. De casa à Sorbonne. De casa até à escola dos pequenos. De casa até à casa de Blaise. De casa até à academia. Nabila! Tu me manques! Muitos trajetos até Stalingrad. Minha família querida em Vitry. Os bares. E o canal. Sempre o canal. Benjamin, tu as bien profité de Saint-Martin?



Saint-Martin, vous êtes bien?

Queria fazer um filme seguindo as linhas do metrô de Paris. E, de alguma estação, acabaríamos no metrô de São Paulo. Às vezes, tenho a impressão de que fiquei mais tempo embaixo de Paris do que em cima. Vovó e vovô, vocês andaram mais do que eu, será? Marie et Louise foram boas guias?

Gosto das cores do outono. Primavera de outono.

Às vezes queria abandoná-las. Acabo me sentindo idiota. Mas é a única coisa que tenho.

Há segundos que parecem eternos (o que é o eterno?). Como, por exemplo, a espera por um ônibus, o descanso entre uma série e outra de exercício, o farol vermelho ficar verde, as esperas nos aeroportos etc. Como, também, um sonho?

Tenho medo de acabar classificando ou dando sentido a essas imagens, e elas partirem pra sempre de mim. E se vovó e vovô sumirem, Marie et Louise? Mas sei que não vão.

Penso em Elis e na sua casa no campo. Vamos fazer morada por lá, Marie et Louise?

Que bâtir sur les cœurs est une chose sotte;
Que tout craque, amour et beauté,
Jusqu'à ce que l'Oubli les jette dans sa hotte
Pour les rendre à l'Éternité!¹⁸

Fiz uma analogia boba, Marie et Louise. Comi uma goiaba de sobremesa. Sabem, eu amo goiaba. Mas eu odeio as sementinhas que há nela. Quando corto a goiaba, vejo como as tais sementinhas são bonitas e importantes para a composição da fruta. Pensei nessas imagens que estão sempre comigo e chegam a perturbar. Não chego a odiá-las, como às sementes (será que o termo é muito forte até para as pequeninas?). Mas, vez ou outra, queria tentar ficar sem elas por um longo tempo. Talvez seja mais fácil. Mas, então, não seria eu (?). A goiaba deixaria de ser goiaba sem as sementes?

Há pedaços faltando, às vezes. Fragmentos desfragmentados.

Que dia é hoje? De qual ano? Vovô falou 75. Mas Blaise mudou o milênio? Disse que é 2016. Vocês sabem, Marie et Louise? Vou perguntar a Henri, talvez possa nos ajudar a nos localizarmos no tempo. Ops! Acho que ele não gostaria do verbo “localizar”, terei cuidado ao perguntar.

O que é, para mim, o momento presente? É próprio do tempo decorrer; o tempo já decorrido é o passado, e chamamos presente o instante em que ele decorre. Mas não se trata aqui de um instante matemático. Certamente há um presente ideal, puramente concebido, limite indivisível que separaria o passado do futuro. Mas o presente real, concreto, vivido, aquele a que me refiro quando falo de minha percepção presente, este ocupa necessariamente uma duração.¹⁹

¹⁸ Idem, pg. 71.

¹⁹ Bergson Henri. *Matéria e Memória*, op. cit., p. 161.

Vovó, as flores daqui têm o mesmo aroma das de Minas?

As memórias se misturam em/com sonhos, e os sonhos em/com memórias. Eu também? Nada define. Eu estive ontem com vocês? Vocês podem voltar amanhã? Marie et Louise pensaram que o ontem fosse amanhã. Misturaram os agoras. Crio memórias falsas? Mas, se são memórias, como são falsas? Quantos labirintos misturados há? Sigo por qual? Marie et Louise me guiam (?).

O parque está em République.

Tudo se sobrepõe. Acabam por se sobrepor em mim. Marie et Louise descolam-se. Vi os rostos na estação Sumaré. De repente, no vagão, Blaise aparece e sorri. Mas ele não desceu comigo na Vila Madalena. Acho que continuou até Stalingrad. Marie et Louise seguiram com ele. Escuto uma ambulância e me vejo em Paris. Da Av. Paulista me transporto para a République. E, de lá, sigo o meu caminho. Ou seria o de vocês? Decerto é o de vocês.

Vocês são a minha loucura. Vêm e transitam freneticamente em fragmentos.

Vi seus prédios no lustre da sala, Marie et Louise. Mas era apenas a estampa da cortina da vovó.

A voz da moça (ou hoje seria o moço?) não sai da cabeça. Chegamos a Stalingrad? Acabou por anunciar Château d'eau.

Lembram daquela ligação da semana passada? O senhor Proust disse que sempre contemplava o céu da memória dele. Não parava de repetir “Je contemple souvent le ciel de ma mémoire”.²⁰ Como é esse céu, monsieur Proust?

Respiro o mesmo ar de vocês. Tout est là. Vocês estão aqui e sempre vão estar. (Com)partilhamos tudo juntos?

Le passé est toujours présent en moi. Il fait parti de moi. Il me fait. Nous revivons ensemble quelque chose qui est si loin et si proche. Nous rejouons la mémoire, notre mémoire. Notre passé est mélangé. Vous avez passé et continuez à passer avec moi, en moi. Ces fragments qui viennent toujours sont tout que j'ai. Ils sont mon passé, ils sont ma mémoire, ils sont vous, ils sont moi.

²⁰ Proust, Marcel. *Les cent-et-un meilleurs poèmes de la langue française*. Marc Dorchain & Claudia Simone Dorchain. Norderstedt, 2016, p. 133.

Perceber todas as influências de todos os pontos de todos os corpos seria descer ao estado de objeto material. Perceber conscientemente significa escolher, e a consciência consiste antes de tudo nesse discernimento prático.²¹

Minha consciência não me deixa sozinha. Selecciono, selecciono sem parar. E vocês estão presentes nessa seleção.

Laisse-moi libre, temps! Laisse-moi vide! C'est impossible, non?

A fotografia acumula tempos que, somados a mim, formam o meu próprio tempo. Nous revivons. Nous revivons. Nous revivons! A cada piscada esse passado contínuo que vem e me ataca. Sua indivisibilidade me atinge, atinge vocês, Marie et Louise. Essa Paris que passou e é presente em mim e que me chama sem parar.

SAU-DA-DE / PAS-SA-DO / ME-MÓ-RIA / DIS-TÂN-CIA / DU-RA-ÇÃO/
FRE-QUÊN-CIA / MON-TA-GEM / CI-DA-DES / CON-TÍ-NUO

Esqueço vocês nesse agora mesmo sem querer. Serão novidade amanhã? O susto, às vezes, é grande. Vocês não estão mortos em mim, vovó e vovô. Criei memórias com vocês e sempre os vejo. São meus. Blaise, você também está. Disse que compartilha o riso e o choro mesmo de longe. Eu compartilho o tempo, os tempos. Seria possível? Prefiro acreditar que sim. As formas, as cores, os sons, os cheiros, as palavras, os toques, os olhares, os reflexos, o silêncio. Daquele agora, deste agora. Tudo isso nos faz, Marie et Louise. Tento repelir o que não me interessa, mas o tempo sempre me lembra de tudo. Ele é a própria lembrança de mim. Ele não me escuta. Ele não me lê. Ele apenas me mostra tudo. Toda minha história (de até agora) está aqui. A história de vocês se misturou com a minha e me compõe.

²¹ Bergson, Henri. *Matéria e Memória*, op. cit., p. 49.

Se de tudo fica um pouco,
mas por que não ficaria um pouco de mim? Trem
que leva ao norte, no barco,
nos anúncios de jornal,
um pouco de mim em Londres,
um pouco de mim algures?
na consoante?
no poço?²²

Substituo Londres por Paris. Tudo fica um pouco. E eu, também, fico um pouco.
Lá e cá, os fragmentos tombam e se espalham.

Vocês, Marie et Louise, ficaram um pouco. Vovó e vovô ficaram um pouco.
Blaise ficou um pouco. Eu fiquei um pouco em tudo isso e mais um pouco. Pedacos de desconhecidos ficaram e se somaram. Sonhos e memórias navegam constantemente e ficam, vez ou outra. E nesse vai e vem de somas e perdas, eu continuo nessa brincadeira de quebra cabeça, de sonhar com tempos diversos e misturar vocês todos em mim. Vocês somam-se a mim, e eu a vocês. E nós, juntos, ficamos um pouco.

²² Andrade, Carlos Drummond de. *A rosa do povo*. Rio de Janeiro: Record, 2008, p. 93.

Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *A rosa do povo*. Rio de Janeiro: Record, 2008
- BARROS, Manoel de. *Meu quintal é maior do que o mundo*. Rio de Janeiro: Schwarcz, 2016.
- BAUDELAIRE, Charles. *Fleurs du mal et autres poèmes*. Paris : Garnier-Flammarion, 1964.
- BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Tradução de Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. São Paulo: Editora UFMG, 2007.
- BERGSON, Henri, *Matéria e Memória*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BERGSON, Henri. *Durée et simultanéité. À propos de la théorie d'Einstein*. Paris: Les Presses Universitaires de France, 1968 (édition électronique dans la collection Bibliothèque de Philosophie Contemporaine, de l'Université du Québec: http://classiques.uqac.ca/classiques/bergson_henri/duree_simultaneite/duree_et_simultaneite.pdf).
- BRETON, André, *Manifeste du surréalisme*. Paris: Gallimard, 1966.
- COCCIA, Emanuele. *A vida sensível*. Tradução de Diego Cervelin. Florianópolis: Editora Cultura e Barbárie, 2010.
- KRACAUER, Siegfried. *O ornamento da massa*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- PROUST, Marcel. *Les cent-et-un meilleurs poèmes de la langue française*. Marc Dorchain & Claudia Simone Dorchain. Norderstedt, 2016.